



FALA #2



ESPECIAL
MULHERES
NEGRIAS



QUE
GUERRERA



INFEÇÃO POR HIV ENTRE MULHERES CRESCE 44%.

SECRETARIA DE POLÍTICA PARA MULHERES



SÓ ESTOU AVISANDO, VAI MUDAR O PLACAR....

Já estou vendo nos varais os testículos dos homens,
que não sabem se comportarem
Lembra da Cabeleireira que mataram, outro dia,
... E as pilhas de denuncias não atendidas?
Que a notícia virou novela e impunidade
É mulher morta nos quatro cantos da cidade...

Só estou avisando, vai mudar o placar...
A manchete de amanhã terá uma mulher,
de cabeça erguida, dizendo:
- Matei! E não me arrependo!
Quando o apresentador questioná-la
ela simplesmente retocará a maquiagem.
Não quer esta feia quando a câmera retornar
e focar em seus olhos, em seus lábios...

Só estou avisando, vai mudar o placar...
Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental
Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal...
Jogar a carne para os cachorros procedimento casual...

Só estou avisando, vai mudar o placar...
Dizem, que mulher sabe vingar
Talvez ela não mate com as mãos, mas mande trucidar..
Talvez ela não atire, mas sabe como envenenar...
Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...

Só estou avisando, vai mudar o placar...

**SO ESTOU AVISANDO,
VAI MUDAR O PLACAR...**

FALA GUERREIRA!

CHEGAMOS. Parimos a nossa segunda revista!

Fruto de encontros, olho no olho e escuta entre nós mulheres da periferia, de fortalecimento e troca quando nos juntamos pra falar do que nos aprisiona.

PARIMOS, e nas próximas páginas está o registro desse processo de gestação, muitas vezes contraditório, doloroso e acima de tudo corajoso e empoderador. Estamos encantadas como nós mulheres, mulheres pretas, periféricas, estamos ocupando e ocuparemos todos os espaços. O protagonismo é nosso e machistas não passarão. Estavamos lá na Marcha das Mulheres Negras, vimos quantas somos, nos reconhecendo em cada uma, nas ocupações das escolas contra a reorganização escolar estamos na linha de frente, nas movimentações fora e dentro das redes sociais, a exemplo das campanhas #meuprimeiroassedio, #naopoetizemachismo e #meuamigosecreto e especialmente no cotidiano.

Meu corpo, minhas regras.

QUEREMOS GOZAR! Queremos escolher ser mãe ou não! Queremos o Fora Cunha!

Estamos no centro de nossas experiências culturais. Firmando nossa negritude, reverenciando nossas ancestrais, nossas deusas, nossas guerreiras, nossa juventude.

Queremos tanto, e queremos principalmente, trocar essa ideia, mana a mana, do que tá pegando. Nossa **ESPECIAL MULHERES NEGRAS**, vem nessa pegada de marcar definitivamente esse lugar de falantes de nós mesmas. As nossas coisas são importantes! **VEM COM NÓIS.**



ESPECIAL MULHERES NEGRAS



Índice

- | | |
|----|----------------------------|
| 3 | ELIZANDRA SOUZA |
| 4 | EDITORIAL |
| 6 | SILVANA BAHIA |
| 10 | CARMEN FAUSTINO |
| 12 | IZABELA E DANDARA |
| 14 | LISANDRA BORGES |
| 16 | CICÍ ANDRADE |
| 18 | SHEILA SIGNÁRIO |
| 24 | ALESSANDRA E JENYFFER |
| 27 | ELIANE SOUZA |
| 28 | DANI BRAGA |
| 30 | NATH PIRES |
| 32 | ANABELA GONÇALVES |
| 38 | NÓS, MULHERES DA PERIFERIA |
| 40 | MIGUEL SOARES |
| 42 | DAYSE OLIVEIRA |
| 46 | GLÓRIA MARIA |
| 47 | FORMIGA |

expediente

PROJETO **FALA GUERREIRA!**
MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA

#2 ♀ dezembro/2015

EQUIPE: Alessandra Tavares de Oliveira, Anabela Gonçalves, Ana Liz, Carla Aguiar, Bia Oliveira, Danielle Braga, Danielle Regina de Oliveira, Dara Santos, Dandara Gomes, Dayse Oliveira, Izabela Machado, Jenyffer Nascimento, Lia Moreira, Mariana Brito, Miguel Soares, Michelle Mesquita, Formiga, Nath Pires, Paula Franco, Silvana Martins Costa

REVISÃO: Dayse Oliveira

PROJETO GRÁFICO: Silvana Martins

AS PARÇAS: Carolina Teixeira, Carmen Faustino, Cici Andrade, Elizandra Souza, Lisandra Borges, Sheila Signário, Silvana Bahia e Thais Buarque

✉ falaguerreira@gmail.com Ⓛ facebook.com/falaguerreira

►realização

#**FALA
GUERREIRA**

**Bloco
Beco**

VAI
Instituto de Inovação Cultural

**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**



MARCHAMOS PARA VIVER

Alrepio. Foram dias e dias com dificuldade de expressar o que foi aquilo que senti no dia 18 de novembro em Brasília, durante a Marcha das Mulheres Negras. Antes mesmo de chegar ao Distrito Federal uma corrente de energia fazia com que me sentisse conectada a milhares de mulheres que saíram de seus estados, deixaram suas casas, seus trabalhos e filhos para exigir direitos, respeito e enegrecer às ruas da capital do país.

Cheguei “sozinha” - como se fosse possível estar

só - e logo encontrei as amigas. As primeiras: as Mulheres de Pedra, Monique, Lívia e Roberta que carregavam um painel lindo com uma Yemanjá preta, feito do reaproveitamento de materiais descartados. Em seguida e todas juntas: Luz Mariana, Priscila e Camille. Quando encontrei as meninas de São Paulo, Alê e Jenyffer, foi a explosão. Essas últimas representam





pra mim um momento de descoberta da negritude e do feminino, porque por mais que essa construção seja constante, foram elas as minhas primeiras referências depois que comecei a caminhar por aí. Pode parecer coincidência, mas cada mulher negra que reencontrei na Marcha foi um reforço, uma atualização do laço. Além delas, me sentia enlaçada com todas as mulheres que ali estavam, mesmo as que eu não conhecia.

Durante a caminhada, reencontrei mais amigas. Entre as palavras de ordem, cantos, gritos, choro, gargalhadas e abraços, a todo tempo vinha em minha cabeça lembranças de minha mãe e minha avó. Era como se elas estivessem ali - de certa forma estavam. Lembrei de Ponciá Vicêncio, protagonista do romance com o mesmo nome, da escritora Con-

ceição Evaristo. Desde que li esse livro penso que a história de Ponciá é a história de muitas mulheres negras, tanto no passado quanto no presente, e me reconheço, e reconheço a história das mulheres da minha família nas palavras de Conceição.

O que mais me chamou a atenção durante a Marcha não foi a pluralidade, a diversidade, mas sim a possibilidade de diálogo entre as diferentes pautas dentro da multiplicidade. A possibilidade da convivência dentro da diferença. Fico pensando que esse talvez seja o maior desafio nos dias de hoje: encontrar algo em comum

A TODO TEMPO VINHA EM MINHA CABEÇA LEMBRANÇAS MÃE DE MINHA E MINHA AVÓ. ERA COMO SE ELAS ESTIVESSEM ALI. DE CERTA FORMA ESTAVAM.

que nos une. Dentro da diferença, como podemos nos amar, nos respeitar e mais que isso, lutar juntas? Na própria 'categoria' do que significa ser mulher existem muitas outras. Mulher não é tudo igual, mulher preta também não. Mas o que pode ser comum a todas nós?

A marcha seguiu com pautas e reivindicações diversas, mas com um objetivo maior em comum: a garantia da vida. Não é novidade que nós, mulheres negras, estamos na base da pirâmide social. Independente da religião, território, trabalho, orientação sexual, somos nós quem mais mor-

remos vítimas de feminicídio e em razão da criminalização do aborto. Recebemos os piores salários, somos as que mais perdemos nossos filhos, irmãos e companheiros nesse genocídio que atinge diretamente os jovens negros. Como não se revoltar?

Por muitos dias fiquei refletindo sobre qual o sentido de marchar. O que isso poderia mudar a curto e longo prazo? Primeira resposta que me veio, foi o fato da visibilidade. Por incrível que pareça essa foi a primeira Marcha de Mulheres Negras. A mobilização em torno da garantia da vida, do bem viver e da luta contra o racismo foi a pauta em comum que encontramos para marchar. Tornar visível nossa indignação nas ruas é tão ou mais importante que demonstrá-la em números. E fomos nós por nós. "Uma sobe e puxa a outra". A compaixão e a solidariedade ficaram para mim como algo que vai reverberar por muito tempo. Não estamos só! A Marcha impulsionou um movimento de união - sem romantismo - mas com concretude, renovando a esperança e a força para seguir lutando.

O dia 18 acabou e entre um passo e outro continuamos marchando. Acredito que para cada mulher que pôde ir à Brasília ou mesmo as que de longe estiveram lá - em pensamento e em nossos corações - esse dia será lembrado com alegria como renovação das energias para seguir lutando. Nossos passos vem de longe e a cada dia essa frase faz mais sentido. Queremos viver e queremos viver bem.

MARÉ NEGRA, DE MULHER!

Esse ano, mais uma vez assistimos a uma tempestade de casos de violência contra o povo negro, alguns ganharam pequeno espaço nas mídias, a grande maioria, ecoaram apenas nos becos periféricos. Há décadas vivemos o silenciamento das nossas tormentas e esse foi um ano de muita dor. Mulheres Negras se banharam em lágrimas, pelo extermínio covarde dos jovens negros que só desejam celebrar a vida, pelas cinzas do fogo racista no chão das Yabás, que necessitam viver seu axé dignamente, pelas ironias do machismo desmascarado nas redes sociais e hostilizados pelos que negam a discussão dessa problemática nos espaços de convivência, pela lama que afogou a existência de um chão ancestral, riqueza maior que qualquer ouro e prata, pelas muitas mulheres violadas no seu direito de vivenciar suas escolhas, em seus corpos, seus cabelos, seus discursos e sua sexualidade, pelo racismo xingado publicamente, sem nenhum receio ou vergonha de ser racista. Seria apenas mais um ano de dor e luta como os muitos que já se passaram e ainda estão por vir,

**AS YABÁS, ABRIRAM
O MAR DE MULHER
A ENERGIA NEGRA,
ANCESTRAL
CONDUZIU NOSSA
CAMINHADA**

mas um valoroso vento movimentou o olhar para nossos espelhos, marcando a trajetória de resistência das Mulheres Negras. O ano de 2015 foi também de muita lucidez e compreensão plena, sobre a necessidade de romper com o silenciamento imposto as nossas especificidades e mergulhar profundamente em nosso próprio mar de feridas abertas, buscando possibilidades de espaços para fortalecimento e cura, um percurso doloroso, mas fundamental para a quebra dos ciclos de violências e potencialização da percepção e apropriação da nossa própria voz. As histórias mal contadas, dos livros escolares aos roteiros novelescos, do senso comum construído, aos discursos acadêmicos fundamentalistas, negam todo o legado e a realeza que as herdeiras do mundo trazem consigo e não daremos mais espaços nem voz, para aqueles que não querem enxergar as verdadeiras jornadas e os reais valores das Mulheres Negras. O ano de maré revolta transcorreu em afogamentos e muitas lágrimas, e em 18 de novembro, desaguou na primeira Marcha das Mulheres Negras, em Brasília – DF. Marcha essa, que passou feito um furacão e trouxe

foto: KIZIE DE PAULA AGUIAR



na hora certa, boa dose de bonança e brisa para o corpo, alma e coração das Mulheres Negras, salgados de tanto pranto. Nossos passos vêm de longe, nossa força e capacidade resiliente também. O que para muitos parecia miragem, ou delírio navegante se tornou maremoto e 50 mil mulheres viajaram pelo país, desembarcaram na capital federal se reuniram numa quarta-feira de sol e chuva, para gritar alto, contra o racismo, a violência e pelo bem viver. Um encontro de Mulher Negra, com dia e hora marcados, no distrito que pensa política para poucos, que fechou pastas importantes para as políticas públicas da nossa população. Mulheres Negras que olharam para si e suas iguais acreditando na força descomunal que temos quando estamos juntas. Os olhares, abraços e respeito trocados, foi o oxigênio que precisávamos para permanecer nesse mar e dimensionar que literalmente não estamos sós e não há horizonte para nossas vontades. Em meio às transformações individuais e coletivas, as gerações se encontraram, as crianças se acomodaram em seus colos e as Yabás, abriram o mar de Mulher Negra, a energia ancestral conduziu nossa ca-

minhada e marchamos, contemplamos a paisagem de pertencimento e nos banhamos de renovação. O grito de Mulher Negra ecoou longe e com gin-ga, beleza e sorriso no rosto, ocupamos as ruas da elite política brasileira. Alinhamos nossas bússolas, analisamos nossos mapas e estamos prontas para traçar as novas rotas de navegação para os próximos anos, trazendo na bagagem, o enfretamento e a força necessária para os previsíveis temporais, mas também acolhimento e escuta para o remanso. O afeto também nos pertence e projetamos um horizonte de protagonismo das nossas histórias de amor e dor, à nossa maneira.

**NESSE MAR
QUEM NAVEGA
AGORA
SOMOS NÓS!**



LICENÇA PRA CHEGAR, CHEGANDO... RSRSRS

Izabela Machado entrevista Dandara Gomes



DANDARA GOMES, NEGRA, MORADORA DO JD ÂNGELA (QUEBRADA QUERIDA) A 27 ANOS DE MUITA CORRERIA, LUTAS E GLÓRIAS. BERNARDINA DOS SANTOS LUIZ (MÃE), DIOGO VIEIRA DA SILVA (PAI), MAMAE DE ORIGEM NORDESTINA E PAPAI PAULISTA.

Minha infância foi bem humilde, cheia de obrigações, sem muitos sonhos de criança, mas a imaginação e a criatividade iam além...

Tive pouco tempo de viver a adolescência, porque já estava engajada no mundão do crime e das drogas, momentos felizes que vivi nessa tal “adolescência” foram afetos, sonhos que jamais vou esquecer.

A construção de minha juventude baseia-se nas questões que aconteceram antes quando criança e adolescente que foram de muita mão de obra barata, sofrimento, tristeza, medo, fome, miséria, cárcere privado, prostituição, solidão, doença, racismo, aborto, família, amor entre outras questões...

O que posso dizer sobre minhas caminhadas, ERRADAS ou CERTAS, só sei que tive que fazer o que eu tava sentindo e o que o momento e o tempo permitiam fazer... Tá ligado!

Ficar em cárcere privado por 05 anos sem dever nada foi FODA, não entrava na minha mente, tava ali por amor um amor que me traiu, enganou e me fez acreditar que tudo daria certo pra mim/nós... Fui enganada, cacete!!!

Fui violada, fiquei invisível, perdi a memória, perdi as forças, fiquei sem chão...

Resistir para sobreviver tá sendo uma barra pra



mim, se colocar no mundão, firmar o ponto, levantar a cabeça é uma GUERRA diária, estou ativa na missão e preciso continuar...

A cultura e a arte são palavras de combate e amor que sempre estiveram enraizadas dentro de mim ainda quando criança... Que só começaram dar sentido quando deixei de sonhar sonhos errados e sonhar com os olhos abertos...

Sempre gostei dessa maluquice de cinema/audiovisual... Mas não entendia muito bem a parada como era feita esse esquema todo de filmes, novelas, enfim... Me amarrava no baguio!

Desenvolvi minha trajetória artística através de diversas linguagens como: teatro, audiovisual e produção cultural, participando de diversos projetos culturais e artísticos do Espaço Criança Esperança de São Paulo, participando de aulas de teatro, dança, cinema e audiovisual. Em 2003 participei de aulas de câmera, edição e produção musical, todos promovidos pelo Instituto Sou da Paz, Kinoforum e Tela Brasil, projetos que foram uma base importante na minha formação cultural, artística e humana. Cia Sansacroma hoje é minha base cultural, onde aprendo todos os dias a lidar com as indignações que explodem no meu corpo. Programa Retratos é um projeto muito especial, direção de Gal Martins (Diretora da Cia Sansacroma) e Valeria Ribeiro onde elas buscaram histórias de mulheres da região do Capão Redondo que representam outras forças, outras mulheres e que tantas são militantes de causas sociais/culturais e outras são militantes de sua própria vida.

Guerreiras que me inspiram: todas aquelas que são mulheres/guerreiras,

FRASE:
EU NÃO POSSO CHEGAR LÁ A NÃO SER A PARTIR DE CÁ, SE AQUI É EXATAMENTE O PONTO QUE EU ME ACHO PRA FALAR DE LÁ, ENTÃO É DAQUI QUE EU PARTO, E NÃO DE LÁ (PAULO FREIRE).

INQUIETACÕES:
NO MOMENTO TENHO VÁRIAS, MAS DEIXA QUIETO!

MUSICA:
AQUELAS QUE GERALMENTE ME FAZEM CHORAR... RSRS

O QUE ME MOVE:
SABER QUE AINDA ESTOU VIVA, POR TUDO QUE JÁ PASSEI...

em especial minha mãe (Bernardina), minha irmã Viviane, Gal Martins e todas as mulheres do grupo Núcleo de Mulheres Negras, Coletivo Fala Guerreira, as 10 mulheres homenageadas no Projeto Retratos (Cia Sansacroma), as mulheres que conheci quando estive sem memória nas ruas do centro de São Paulo, guerreiras do cárcere privado, guerreiras que estiveram antes de mim, DANDARA, PAGU, NZINGA, CAROLINA MARIA DE JESUS entre outras mais.

Ser negra na periferia pra mim significa se colocar no mundo de uma forma potente/sensível onde eu consiga andar com tranquilidade nas ruas e que meus direitos e sentimentos não sejam violados, quero existir nesse mundo... Saca?!

Sonhos são o que me mantêm viva.

Preciso das guerras pra brindar minhas vitórias.

Quero agradecer a oportunidade de escrever essas linhas... Tá ligado!

E dizer que termino aqui com lágrimas nos olhos...

Valeu!



"O MEU MARACATU NAO QUERO VER VOCÊ TOCAR, NA SENZALA QUE OS MEUS SOFRIAM, OS SEUS NÃO OUSAVAM ENTRAR. OU PIOR, ATÉ ENTRAVAM, MAS AÍ JA SABE: TOMA PRETO CHICOTADA."

A frase é uma, dentre muitas, que cito em uma das últimas poesias que lancei nos saraus da vida, e deixa alguns incomodados. Era justamente esse incômodo que eu queria causar, e são essas pessoas que eu tenho a pretensão de atingir há algum tempo, não só com poesia, mas por qualquer meio que dê á elas, o papel de pensar, repensar, e desconstruir.

Há quatro anos o Maracatu tem sido o grande amor da minha vida, tive professoras, professores e experiências com Mestres de Nações. Mas, não foi com elxs que criei meu ponto de vista do que realmente é o Maracatu, quem são os grandes protagonistas dessa manifestação cultural e o por quê xs negrxs, que na teoria, deveriam ser a grande maioria em todos os grupos/grupos de estudo, muitas vezes, nem sabem o que é.

Eu, jovem, negra, periférica, tenho histórias jamais vistas ou vividas pelxs que me ensinaram e a reciproca é mais que possível. Por isso, quando essxs que me ensinaram soltam frases do tipo: o Maracatu é pra todos. Não me surpreende, pois, temos vivências diferentes. Lá em Recife, por exemplo, as Nações estão em sua grande maioria na periferia, ou seja, as dificuldades são quase as mesmas. Diferentemente de São Paulo, onde os "grandes" grupos de Maracatu, estão no centro ou em seu entorno. Um dia desses atrás, no mês de novembro, tive oficina (gratuita) com um dos maiores mestres de Maracatu que temos hoje. Em todos os ambientes que adentro, já virou costume, olho para todxs que estão ali, e me dou por contente ou descontente. Nessa oficina, meu descontentamento gritou, como quase

sempre. Todxs (em sua grande maioria esmagadora, brançxs) olhavam e ouviam atentamente. Surgiam assuntos que eu queria dar opinião, mas sabia que meu lado militante negra não ia parar de esbravejar, se eu soltasse uma sílaba que fosse. Em dado momento, uma mulher branca questionou ao mestre: "Mestre, o que o senhor acha? Nesse mês da Consciência Negra, o meu grupo não foi contratado para apresentação porque A GRANDE MAIORIA DOS COMPONENTES SÃO BRANCOS, os contratantes usaram esse argumento para não nos contratar... Tipo (?). Eu olhei para a companheira que estava comigo, e só consegui dar risada. Eu queria levantar, olhar nos olhos dela e falar TUDO o que ela precisava ouvir. Mas, respirei e me contive. Queria que a revista chegasse até ela, porque falarei um pouco do que diria na cara dela com um breve pronunciamento: "Engraçado, você se sente ofendida porque NO MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA, o seu grupo de brançxs não é contratado para apresentação, e eu tenho que ficar calada O ANO TODO, porque o meu grupo que só tem jovens negrxs e periféricxs, não é contratado nenhum mês do ano, a não ser novembro, e se eu for questionar, to sendo vitimista, né?" Aceita que nenhum de vocês, brançxs, têm a real intenção de passar o que o Maracatu é, de onde ele veio, e quem usufrui dele de maneira errônia. Aceita que seu grupo tem privilégios, e ele os dá mais visibilidade, mais reconhecimento, e aceita também, que seu grupo, deve ser um dos muitos grupos de brançxs, que usa o Maracatu como material de espetáculo para ganhar dinheiro. Aceita o privilégio dos grupos parceiros do seu terem "colaboradores de editais", e passarem em todos os editais que eles mandam, para fazer encontro de alfaias, todo ano, e chamar os Mestres de Maracatu para vivências com vocês. E não fica feliz não, quando ouvir: "Xs negrxs não estão no Maracatu, porque não querem." Saia do seu comodismo e vá colocar em prática o que você diz fazer, veja se é porque o grupo que ele tem como "o bom" tá localizado no Centro, ou melhor, ele até já foi, mas vocês brançxs, insistem em pisar nas nossas cabeças, insistem em nos olhar torto, e eu tenho quase certeza que é medo, medo dxs pretxs terem acesso ao que vocês dizem ser Maracatu, e to-



ESPECIAL MULHERES NEGRAS

marem de assalto o que É NOSSO, fazer direito, e mostrar para vocês como é que se faz. E não, não é revolta, é tristeza em ver que, mesmo sabendo o que é o Maracatu, não temos acesso a muita coisa que vocês têm, porque estamos da ponte pra cá. Você brançx, tem que parar de falar que não estamos nos lugares porque não queremos, sua condição social pode ser maior que as nossas, e nós não temos 150 reais pra pagar em uma oficina, e por mais absurdo que seja, as vezes, nem 7 reais para a condução.

Vamos olhar para além do problema? Saber o por quê xs negrxs não estão no Maracatu? Lição de casa, tá? E mais uma das frases da ultima poesia, para que fiquemos atentxs, e não desistirmos do que é nosso: "Uns podem até passar, o que vocês querem escutar. Podem fazer oficina, EAD, e até mestrado, mas o que é nosso, nós sentimos, não é só falado. E sem se apropriar da nossa cultura, nós carremos muita história, em nossa vergadura."

Todas as críticas e desconstruções que faço pelo Maracatu, são por amor. Ele é um dos grandes responsáveis por todo o empoderamento que tenho, pela forma que ajo, penso, e reproduzo. A válvula de escape de todos os meus problemas, desde os emocionais aos de saúde, e sim, o Maracatu me cura, literalmente. Sabe o amor que transcende, que não há palavras para descrever aquele amor único, e o que você mais tende usar os clichês? O Maracatu é esse amor para mim. Eu o sinto, o toco, o transmito, o respiro, o vivo, e o sou! "Se você quer saber quem é que eu sou; sou cultura, sou Baque Virado, sou Nação Nagô".

SOBRE ATIVISMOS E SOLIDÃO



Outro dia zappenado no facebook li uma publicação que mexeu muito comigo. Uma

dizia algo do tipo: as pessoas me elogiam pela minha força, mas elas não sabem que pra eu ter essa força hoje, já sofri muito.

Me identifiquei bastante, porque se hoje eu sou ativista é devido as minhas vivências.

Eu mulher, negra, e periférica. Sempre sofri muito “bullying” na escola.

Por dezenove anos da minha vida fui evangélica pentecostal. Daquelas que só acatava ordens, claro, na maioria das vezes vindas de homens. Que mesmo sem concordar, me sentindo desrespeitada, abaixava a cabeça e me calava.

Jáapanhei muito de homem. Do que se dizia me amar como filha, e do que se dizia me amar como mulher. Pois é.

Pra mim, amor é outra coisa.

Tô contando assim, por cima resumidamente, porque se eu fosse escrever tim-tim por tim-tim... daria um livro.

Hoje sou ativista, luto na linha de frente contra o machismo e racismo.

SOLIDÃO

Mas sou contra qualquer tipo de desigualdade. Logo, apoio muitas causas como posso.

Fico inconformada quando questionam a minha militância, dizendo o que eu devo ou não fazer. Acho um desrespeito. Cada qual com a sua vivência.

Mesmo parceirxs de luta, não dá pra querer impor pra ninguém sua forma de militar.

Daí já emendo a outra publicação/ frase que mexeu comigo: A militância gera solidão.

Essa frase é daquelas que martela em minha cabeça todos os dias. Sentia que me identificava com ela, mas não estava tão obvio o porquê. E hoje consegui entender perfeitamente.

Nós pintamos a solidão como algo ruim. Achamos que estar só é ruim. Mas ao meu ver, não. Eu gosto muito de pessoas, gosto de trocar ideia, namorar, “deixar e receber um tanto”. Mas é ótimo estar sozinha também. Aliás, eu me dou muito melhor agora com as pessoas, porque lido muito melhor comigo mesma. Quando nos

foto: MARIA EDIJANE



aceitamos como somos, aceitamos as pessoas como elas são também. E isso facilita muito a vida, pra todo mundo.

A solidão pode ser uma ótima aliada, para a desconstrução e para a aceitação.

Trocar ideia com pessoas é ótimo. Mas a mudança como indivíduo, é de dentro pra fora.

Desde pequena ouço de pessoas o quanto eu sou bonita. Antes quando alisava o cabelo, estava sempre maquiada, sentia a necessidade de estar de roupa/sapato novo, pois dependia absurdamente dos elogios de como sou linda. Mas eu não me sentia linda.

Hoje, raramente uso maquiagem, assumi meu cabelo, ainda ouço com frequência que sou bonita. Claro que

QUANDO NOS ACEITAMOS COMO SOMOS, ACEITAMOS AS PESSOAS COMO ELAS SÃO TAMBÉM.

gosto dos elogios. Mas não dependo mais deles para estar bem comigo mesma.

Hoje em dia o que importa pra mim é a identificação.

Às vezes penso que estou num sonho.

Como é possível que toda essa transformação tenha ocorrido em apenas quatro anos? Mas ocorreu. E que bom!

**QUE BOM RESISTIR
QUE BOM EXISTIR
QUE BOM SER
QUE BOM VIVER!**



OLHAR LÚ DI CO

SHEILA
SIGNÁRIO,
29 ANOS,
DE SÃO
PAULO,
ZONA SUL



OLHAR A INFÂNCIA COMO SE OLHA PARA UM RIO CAUDALOSO, COM ADMIRAÇÃO E GRANDEZA.

O universo fotográfico foi e ainda é dominado por homens brancos de classe média. Nesse contexto, Sheila Signálio, mulher negra e moradora da periferia, vem construindo sua história na fotografia clicando os movimentos culturais na periferia da zona sul de São Paulo (Campo Limpo, Capão Redondo, Jd. São Luis, Jd. Ângela). Atualmente trabalha como fotógrafa

e assistente de produção no Espaço Cultural CITA, e também desenvolve trabalhos fotográficos autorais. Ela nos encanta com seu olhar feminino sobre a infância, buscando o distanciamento dos estereótipos, nos apresenta de forma lúdica e poética o cotidiano de crianças da Favela de Paraisópolis. Eles que certamente como escreveu Manoel de Barros, tem o quintal maior que o mundo.







O TÃO FAUDO E ÓPRESSOR RAZER FEMININO

PRIMEIRA PARTE

Nas bancas de jornal, supermercados, consultórios médicos, com as amigas do trabalho e todos os lugares estão sobre-lotados dessas revistas femininas com suas regras, formas, formatos e normatizações de um modo geral. Nas capas estampam mulheres artificiais e receitas prontas. Em quase todos os casos anunciam que as mulheres precisam gozar.

O orgasmo vai desde o famigerado tal ponto G até receitas para orgasmos múltiplos. Uma mulher do século XXI precisa adorar sexo e gozar muito. Ser uma mulher do século XXI inclui esse item no pacote. Como assim você não goza? Procure um médico, psicólogo, pai de santo ou qualquer ajuda. É grave. Você não gosta de transar? Como assim? Procura ajuda. Não queremos dizer com isso que as mulheres não precisam do prazer sexual em suas relações, mas não podemos anular que, para as mulheres, o sexo, na maioria das vezes, é apresentado pela violência como podemos ver e sentir na campanha do #meuprimeiroassédio.

A ancestralidade e história das mulheres da família contam muito nesse processo. A maioria de nós veio de famílias em que o sexo não era para as mulheres e sim para os homens. Nas cenas dos filmes, novelas, nos romances e em todo nosso imaginário, o sexo é um momento mágico de dois corpos perfeitos e nos gritam aos ouvidos que NOSSO CORPO NÃO CABE NAQUELA CENA.

Quantas vezes não nos vimos submetidas a fazer simplesmente o que o parceiro queria? Muitas vezes em posições desconfortáveis, dolorosas, que por vezes, nos deixam ainda menos a vontade e mais contida. Infelizmente, muitas de nós convivemos com a ideia de que a finalidade do sexo é proporcionar prazer ao parceiro, nem que para isso tenhamos que abrir mão do nosso. Muitas vezes, utilizamos o lado circense para nos desdobrar, dar cambalhota, fazer pírueta e nada haveria de mal nisso, não fosse a necessidade única e exclusiva de ser boa o suficiente, de atender a demanda, afinal quem nunca escutou o ditado popular “que não dá assistência abre concorrência”?

Se todos esses elementos não fossem suficientes ainda temos que lidar com o nosso corpo imperfeito marcado pelo tempo, pela gestação, pelas feridas emocionais, pelas rejeições e ajeitá-lo perfeitamente para que o outro nos dê prazer. Isso mesmo, no nosso imaginário social é o homem que concede o prazer para a mulher, o prazer não é nosso do mesmo jeito que o nosso corpo não nos pertence.

Nas receitas das revistas femininas e nas conversas dos bares e botecos grita a seguinte frase: relaxa e goza. Relaxar? Como? Como podemos esquecer as estrias, da nota vermelha da prova, da casa bagunçada, da mãe doente, da conta pra pagar, das celulites, da barriga que dobra em cima do cara, do que vão falar de você, do seio flácido, se ele irá te ligar e do um milhão de coisas que passam na cabeça da maioria das mulheres.

Mas tudo o que devemos fazer é virar a chavinha. Deixar as neuroses do lado de fora. Como fazer isso?

Durante toda a vida fomos educadas para nos ver pelos olhos do outro, se dizem que somos bonitas, somos. Se disserem que somos gostosas, somos. Se disserem o inverso, não somos mais. Precisamos ocupar por definitivo um lugar vago, o nosso próprio olhar e sentir sobre nós mesmas e ver um trajeto pra o prazer como uma descoberta pessoal.

O que há de bonito e significativo nessa jornada de nos colocar em primeiro plano é lidar com o real, não com o ideal, é invariavelmente caminhar para um processo de aceitação de tudo que somos. Não só o corpo, mas do que habita o nosso íntimo, a nossa alma. Ser sua própria companhia em um dia frio. Retomar a infância quando a espontaneidade era algo presente e brincar de se tocar não era

**A MAIORIA
DE NÓS
VEIO DE
FAMÍLIAS
EM QUE O
SEXO
NÃO ERA
PARA AS
MULHERES
E SIM PARA
OS HOMENS.**

“pecado”, era descoberta. É marcar um encontro consigo mesma e estar feliz com essa companhia.

Uma mulher que conquista seu prazer sexual despreocupada com performance de filmes pornôs e desobre seu corpo e suas zonas de prazer é uma mulher revolucionária. Por que para nós gozar é fazer a própria revolução e tomar pra nós o nosso próprio sentir e o próprio sexo. É desapropriar os homens desse lugar feito para eles e dizer que também é nosso. Ao mesmo tempo é encerrar uma história recorrente do sexo como abuso em nossas famílias em que as mulheres caminham como cordeiras para o sacrifício e que nos é transmitida há gerações e silenciadas pelos programas femininos.

O desafio: é preciso coragem. Coragem para não nos submeter a um sexo que não nos contempla. Coragem para comunicar ao nosso parceiro que não está bom, porque por mais inacreditável que isso possa parecer, ele pode não saber, ou no modelo egoísta clássico, não se importar. É preciso romper esse ciclo de fingir “orgasmos”, quando na verdade deveríamos demonstrar deceção. Rimos contando para as amigas como ele enlouqueceu e você não sentiu prazer nenhum. A verdade é que isso não tem a menor graça. E teremos que achar uma maneira de fazer essa comunicação, seja ela verbal ou não-verbal, mas o importante é que ela aconteça, exercer o nosso lado protagonista, pois feminismo não se faz apenas com discursos e sim na prática.

POESIA

Hoje vivo uma realidade
Só transo se tiver vontade
Sou mulher
Não objeto seu
Que me satisfazer
Ter orgasmos pra valer
Mas não com você
Quero meu corpo conhecer
Com minhas mãos
Vou fazer meu corpo enlouquecer
Minhas coxas rebolar sem querer
Meus peitos estremecer
É só prazer
Vou me tocar e imaginar
Até os meus olhos molhar
Toda mulher merece Gozar

ELIANE SOUZA



MÃE SOLTEIRA, MAIS UMA GUERREIRA!

Ser mãe solteira traz questões que só quem está nessa situação pode falar de como é doce e amargo. Toda a ideia da “super mãe” passa a ser totalmente desconstruída quando uma mulher se torna mãe, se esta mãe ainda for mãe solteira e em que teve que desenvolver “oito braços e quatro pernas” para dar conta de todas as tarefas, a maternidade tem outro sentido.

Algo que fica muito marcado na vida de toda mãe solteira são os relacionamentos, seja entre amigos, que acabam por vezes deixando a amizade pela falta de tempo para saírem, especialmente nos casos das mães mais jovens, seja também entre novos companheiros ou companheiras. Nossa sociedade atribui muitos aspectos negativos a mãe solteira: pode ser considerada a mãe “coitada”, a “rejeitada”, a “problemática”, a que está sempre reclamando, a que não tem tempo para nada etc. Pior ainda é quando encontramos pessoas para nos relacionar que dizem que somos carentes demais, ou que ficar com mulher com filho é B.O. Já ouvi cara dizer que mãe solteira está tão desesperada para encontrar um pai para seu filho que fica com qualquer um, que “transamos fácil”. Fazem páginas na internet com o nome “Eu não mereço mãe solteira” ou “Eu não mereço mulher de segunda mão”. Isso dói muito! Nós temos que tomar um cuidado redobrado quando estamos buscando alguém para namorar ou só ficar. Mas só um lembrete: não queremos um novo pai para o nosso filho! Ele já tem um, e muitas vezes foi um babaca, não queremos mais um babaca, queremos um companheiro, somos maduras, guerreiras e fortes, já aguentamos muito sozinhas. Queremos alguém que nos faça rir, que nos beije, que seja um amigo, não mais um babaca.

A sociedade patriarcal machista exige um tipo de mulher para casar e valoriza a mulher que tenha corpo esculptural, ande sempre bem vestida, esteja sempre sorrindo, sem olheiras, que nunca reclame, seja simpática, guerreira, forte e ao mesmo tempo delicada e doce... Dá um tempo, né?!

É uma sociedade esquizofrônica! As mães solteiras são tudo isso, ou você pensa que é fácil dar conta de tudo que damos conta? Creche, médico, roupa? Não ter com quem deixar a criança para ir trabalhar? Lidar com um pai ou com a ausência dele, e ainda sair sorrindo na foto com a criança? Para ilustrar bem a diferença machista com relação entre homens e mulheres, imagine a seguinte situação: há dois estagiários em uma empresa, os dois anunciam que terão um filho, a diferença é que um é homem e não está com a mãe da criança, e a outra é uma menina que não está em um relacionamento com o pai da criança. Como serão vistos ambos? Talvez o menino receba até uma promoção por isso, enquanto a menina receberia uma promoção por estar grávida? Em geral quem é visto como o problemático? Quem terá mais ausência? Durante a entrevista de emprego, quando é perguntado ao candidato se tem filho ou não, para a mulher a próxima pergunta é logo com quem deixa seu filho. Essa

NÃO
QUEREMOS UM
NOVO PAI
PARA O NOSSO
FILHO! ELE
JÁ TEM UM,
E MUITAS VEZES
FOI UM BA
BA CA



pergunta é muito comum para as mulheres com filhos, como uma sondagem dos problemas em relação a faltar ou se ausentar do trabalho.

É importante ressaltar o fato de como essas mulheres lidam com naturalidade com tudo isso, porque nós temos que nos fortalecer e seguir em frente! Criamos casca grossa para todos os abandonos que sofremos. Hoje, através das redes sociais, cada vez mais mulheres se empoderam para poder compartilhar suas histórias e a partir daí empoderar outras mulheres que estão numa situação semelhante. O que é incrível. E isso pode criar espaços para que as mulheres possam trocar experiências e suas vivências e dar possibilidade de descarregar um pouco do cansaço, dando a elas um pouco mais de encorajamento para seguir a diante e perceber que sua vida é apenas diferente e não um fardo.

Nossos filhos não são fardos. O que precisamos é de pessoas que não reclamem se nossos filhos estão fazendo barulho, apenas por serem crianças e precisarem brincar, que as universidades e escolas tenham espaços para que possamos levar nossos filhos quando não tivermos com quem deixar eles, que nossos amigos entendam que continuamos as mesmas, mas não dá pra sair todo final de semana como antes e que os nossos futuros companheiros entendam que queremos companheiros ou alguém que troque um carinho gostoso. NÃO PRECISAMOS de nenhum homem nos violentando com agressões verbais e psicológicas, culpando-nos por ter engravidado e dizendo que “tá foda ficar com alguém que tem filho”.

DE REPENTE SURGE UM FILHO, MAS E SE EU NAO QUISER SER MAE?



Quando descobri o que era abortar ouvia dizer que apenas feministas e mulheres que são chamadas de “pegadoras” (mulheres que são livres sexualmente e não tem um único parceiro) apoiavam e, mesmo sem saber o que era ser “feminista” ou “pegadora”, eu apoiava. Sempre ouvi histórias de pais que abandonam seus filhos e ficava me

perguntando por que os homens podiam simplesmente partir e as mulheres eram obrigadas a manter aquela situação, mesmo contra sua vontade, e quanto mais histórias ouvia, mais a favor do aborto fiquei.

Vejo a criminalização do aborto como um aprisionamento do corpo, direito e liberdade das mulheres. É na verdade mais uma lei determinada por uma sociedade machista e de princípios religiosos com intuito de oprimir ainda mais as mulheres e o direito ao seu próprio corpo.



Se a intenção é salvar uma vida, por que colocar duas vidas em risco fazendo com que as mulheres se submetam a abortos clandestinos, que é um ato que leva à morte de uma mulher a cada dois dias. No Brasil, uma em cada 5 mulheres já fez pelo menos um aborto entre 18 e 39 anos; mais de 1 milhão de mulheres anualmente se submetem ao aborto clandestino que é a 5º maior causa de morte materna no Brasil.

Um dos fatos que mais me causa indignação é que a proibição do aborto afeta mais drasticamente quem não tem condições de pagar uma clínica segura para realizar o procedimento. Pois, nos direitos e liberdade da mulher, a desigualdade social está presente. Como sempre em nossa sociedade nada é proibido para quem pode pagar.

As mulheres mais afetadas com a criminalização do aborto são as negras e periféricas que por não terem condições financeiras para acessar

uma clínica, que tem procedimentos seguros para o abortamento, acabam sendo obrigadas a se expor em cubículos sem preparos, equipamentos e higiene necessária para esses tipos de procedimentos, e muitas podem sofrer complicações após a interrupção por falta de acompanhamento médico.

No Brasil, o aborto só é permitido perante a lei em casos de estupro, onde a mulher toma contraceptivos de emergência (pílula do dia seguinte) e outros medicamentos e durante os 3 primeiros meses tem o direito de escolher entre interromper a gravidez ou não, porém o governo por sua vez pretende dificultar o procedimento até para as mulheres que sofreram estupro com um projeto do queridíssimo deputado Eduardo Cunha. Este projeto dificulta o acesso a pílula do dia seguinte, não permite que médico algum dê orientações a mulher e ainda a mulher que foi vítima de estupro teria que provar por meio de um boletim de ocorrência e de exame de corpo delito que realmente sofreu esse abuso sexual. Por isso, digo FORA CUNHA pelo fim de uma hipocrisia generalizada e pelo fim da idealização de que todas as mulheres devem passar pelo dever de uma gestação.

Aqui está o link do vídeo "precisamos falar sobre aborto" de onde tirei os dados <https://m.youtube.com/watch?v=f9exZuWvWI4>

O DEBATE SOBRE FÉCUNDIDADE DE MULHERES NO CONTROLE

Asociedade estabelece as relações com a mulher a partir do seu corpo, como afirma Ana Colling, 2004. Por meio da menstruação, do parto. Mesmo que algumas mulheres consigam travar sua vida com outras referências, essa relação social coloca-se em oposição a elas, pois esse olhar sobre as mulheres também é construído por elas.

Desde a instituição do contraceptivo, o conceito de sexo e reprodução foi separado. Os anticoncepcionais estabeleceram sexo sem reprodução e, concomitantemente, aconteceram estudos que descobriram a possibilidade de reprodução sem sexo. Essa separação também tem a potencialidade de desvincular o corpo da mulher à reprodução da espécie e aos estudos referentes à clonagem e à fertilização in vitro.

Referida divisão estabeleceu uma série de direitos em relação à reprodução e à sexualidade, como a escolha do número de filhos, o espaçamento entre cada concepção e o acesso aos meios contraceptivos. Os direitos sexuais, importantes para as mulheres, conferem a elas, sejam heterossexuais, lésbicas, bissexuais ou transexuais, a possibilidade de exercerem sua sexualidade sem discriminação ou violência.

Os estudos sobre sexualidade e reprodução trouxeram a público o que antes era considerado privado e o fato de colocar tais assuntos em pauta aumenta a visibilidade dos problemas de opressão da mulher.

Essas ações colocadas remetem à transformação de hábitos e costumes, podendo remodelar as relações refe-



Ilustração: Amanda Dapne

rentes ao sexo e à reprodução. Podemos visualizar a ampliação do debate sobre o aborto, que se afasta a cada dia do ponto de vista de que por ser natural à mulher dar à luz, lhe é vedado interferir nessa relação natural.

Reconhece-se universalmente a importância do debate acerca da reprodução, pois implica diretamente em medidas jurídicas e políticas públicas

que afetam a vida dos sujeitos. Mesmo sabendo-se que assegurar direitos não é suficiente para o avanço da sociedade em direção à emancipação social de determinados grupos, tal expediente direciona esses sujeitos em direção à mudança de símbolos relacionados ao sexo e à reprodução, desfrando-os socialmente.

Nesse momento, é importante afirmar que a transformação da sociedade, no âmbito do direito e dos estudos realizados nas universidades, foi um dos alicerces para que esse processo se realizasse. Ainda que houvesse uma demora em ligar dados demográficos às mulheres e não somente a planos econômicos de sustentabilidade. No geral, os estudos demográficos em conjunto com as necessidades de se estabelecer políticas econômicas sustentáveis influenciaram a formação de políticas públicas e sociais, no que diz respeito à reprodução, e contribuíram para a queda da natali-

dade no Brasil. A leitura da queda da natalidade nesse contexto tem uma ligação forte com a liberdade, com o conhecimento.

Temos que reconhecer que durante muito tempo a luta das mulheres ficou generalizada em duas linhas de pensamento: uma referente ao voto e a outra com relação à entrada no mercado de trabalho. Sem que ocorresse, entretanto,

a problematização de como cada indivíduo sente a ascensão social no que diz respeito a valores sociais. Contudo, essas mudanças estão amarradas a toda transformação política ocorrida no país, no desenvolvimento da democracia, que não decorre tão somente de uma resistência de reconhecer a mulher como ser político, mas, também, no reconhecimento de todos os participantes da sociedade brasileira no processo de democratização.

O tema reprodução, nas primeiras discussões mundiais, esteve ligado ao debate de população e desenvolvimento. Debate esse pautado por reflexões sobre as políticas sociais do crescimento demográfico em nível mundial. Essas discussões levaram à intervenção da ONU sobre políticas de gerenciamento populacional, nos países subdesenvolvidos, isto é, políticas que reduzissem o crescimento populacional em relação à economia e aos recursos colocados à disposição dessas nações.

Esse debate crítico trouxe a separação dos termos sexo/reprodução e sua distinção, distinção fundamental

Um marco na constituição de direitos é a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que possibilitou com seu aperfeiçoamento a retirada de generalizações e a possibilidade de discutir a necessidade de grupos específicos como as Mulheres. Desse processo surgiu os Direitos Humanos das Mulheres, e posteriormente os direitos sexuais e reprodutivos formulados sobre reflexos contemporâneos no séc XX.

para que a normatização sexo e reprodução, que delimita as relações à heterossexualidade - entendida como a única forma de garantir a reprodução - fosse problematizada. O que visualizamos é que, para a mulher, a separação sexo e reprodução é pontuada como um marco histórico de sua emancipação, pois em nenhum outro momento da humanidade identificamos esse avanço. Todavia, para a política internacional, a separação entre sexo e reprodução representa um dispositivo de controle que delimita a linha de expansão desse universo populacional e do aproveitamento das fontes naturais que mantêm a humanidade. Não podemos apontar as mudanças sociais só como fruto da luta política social, mas também de interesses políticos e econômicos, que estabelecem uma discussão dentro da estrutura social.

Assim, como ferramenta de controle do poder político, cultural e social, o direito reprodutivo também representa a desconstrução da maternidade como um dever. Nos países desenvolvidos, esse direito não se manifesta somente de forma conceitual, mas no direito ao aborto.

Não podemos deixar de pontuar que os direitos reprodutivos não reduzem os problemas no que diz respeito à vida cotidiana da mulher, mas a respeito do controle reprodutivo, as políticas e discussões tiveram grande impacto na vida feminina. Antunes, 1999, aponta que a era

da acumulação flexível têm acarretado, entre tantas outras consequências, mutações no interior do mundo do trabalho. Esse processo tem impacto direto na vida dos trabalhadores e sendo a mulher um grupo específico nessa organização levada a cabo pelas empresas, influencia nas decisões pessoais de suas trabalhadoras, no tocante à reprodução e planejamento familiar, isto é, o mercado de trabalho brasileiro, ao desconsiderar o segundo turno de trabalho feminino e masculino relacionados à reprodução da vida familiar, causa uma sobrecarga da força de trabalho na conjuntura social, impossibilitando uma parceria na vida familiar que acaba acentuando valores que deviam ser transformados nesse universo, como o sexism, forjando na família o que será reproduzido no trabalho em detrimento às regras do mercado, onde o mais fraco ou menos protegido juridicamente sofre.

Outra mudança detectada pelo censo demográfico de 2011 é o aumento das uniões consensuais, em que os casais não formalizam o casamento. Este percentual subiu de 29% para 36%. Essas taxas estão ligadas ao desenvolvimento econômico, pois a emancipação econômica e o aumento da escolaridade entre as mulheres têm contribuído

para a queda da fecundidade.

Podemos concluir que essa inserção tem contribuído para o esclarecimento da mulher a respeito do seu direito e para a quebra de paradigmas de opressão. Um ponto

A nomenclatura "direitos reprodutivos" consagrou-se na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (CIPD), que aconteceu no Cairo, Egito, em 1994, tendo sido reafirmada na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Pequim, China, no ano de 1995. Segundo o parágrafo 7.3 do Programa de Ação do Cairo.

fundamental é que a dependência causa opressão. A desigualdade entre gêneros não é similar em todo o mundo; quanto maior a dependência econômica do país, maior é a exploração da população em geral, e sendo assim, como a exploração da mulher está interligada na superioridade masculina, a mulher sofre mais como classe.

As pobrezas das nações trazem a falta de valores baseados nos direitos humanos, que são interligados. Como exemplo, temos a pobreza em Bangladesh que impede a mulher de ter acesso a seu direito de ser mãe, uma vez que a fome torna as mulheres impotentes.

A democracia não está vinculada ao sistema capitalista e o mesmo não pode ser vinculado à emancipação humana. A China pós-reforma capitalista ostenta o maior número mundial de suicídio de mulheres, por envenenamento ou enforcamento. Cecília Toledo, 2001 afirma que não é a desigualdade de gênero que explica isso. É a desigualdade de classe, pois a mulher não tem emprego porque não há emprego para a classe trabalhadora de conjunto. Mas podemos perceber que quando o trabalho é sucateado, affige diretamente a grupos oprimidos da sociedade. Ao mesmo tempo em que o trabalho atinge homens e mulheres, em uma condição de desigualdade, os preconceitos e fragilidades se dispõem com as relações de gênero, ou seja, mulheres sofrem mais com o mundo do trabalho, sendo ele a fonte da sua emancipação.

No âmbito mundial, as conquistas femininas se manifestam de forma mais ampla, mas nos países subde-

senvolvidos, onde a tradição se confronta com a modernidade, esses fatores devem ser avaliados cuidadosamente. Grande parte de nós ainda trabalha para que ocorra a diminuição da violência contra mulher e para que as leis mundiais sejam realizadas plenamente. Estamos longe de conseguir travar o debate sobre o aborto de forma lúcida e respeitosa, levando

em consideração a geopolítica relacionada ao debate reprodutivo.

A queda da fecundidade, diretamente ligada a medidas demográficas moldadas por políticas públicas de controle, não só influencia no tipo de nação que teremos no futuro, mas define todo pensamento reprodutivo mundial que manipula as regras de moralidade, ligadas a casamentos, fe-

cundidade e emancipação, de acordo com as necessidades das classes dominantes dos países subdesenvolvidos. Esse controle tem impacto na qualidade da emancipação das mulheres em uma sociedade onde o poder patriarcal se configura no mesmo poder dominante que determina políticas de superação da desigualdade.

GLOSSÁRIO:

ESTUDOS DEMOGRÁFICOS: São dados referentes ao movimento da população humana, por meio de estatísticas que utilizam como critérios a religião, educação, etnia e outros critérios que são influenciados por fatores como taxa de natalidade, fecundidade e migrações.

ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL: Neste regime, elimina-se a tradicional hierarquia gerencial substituindo-a por equipes multqualificadas que operam em conjunto, diretamente no ponto de produção. O modelo flexível aborda a importância de uma equipe cooperativa, projetada para

aproveitar a capacidade mental total e a experiência prática dos envolvidos no processo de fabricação.

ANA MARIA COLLING: Suas publicações têm versado sobre mulheres e ditadura militar no Brasil, a construção histórica do feminino e masculino, relações de poder e gênero na história e na formação de professores/as, Michel Foucault e a história. A partir de 01/10/2012 tornou-se Professora Visitante Nacional Sênior (PVNS)/Capes na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) onde atua no Programa de Pós-graduação em História. Sua atual pesquisa é sobre a presença feminina na Guerra do Paraguai.

RICARDO LUIS COLTRO ANTUNES: Atualmente é professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e leciona disciplinas como Sociologia do Trabalho e Sociologia de Karl Marx. Ricardo Antunes é um dos maiores conhecedores da obra marxiana da América Latina.

CECÍLIA TOLEDO: autora do livro "Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide" e militante da esquerda brasileira desde 1970. Cecília foi referência teórica e prática na luta combinada contra o machismo e a exploração capitalista para toda uma geração de ativistas e militantes de esquerda. Seu livro, citado acima, apresenta-se em um contexto difícil da luta de classes, respondendo a polêmicas internacionais acerca da consequência na luta contra a opressão machista.



MULHERES CRIAM CAMPANHA CONTRA MACHISMO NA CENA CULTURAL PERIFÉRICA



Um grupo de mulheres ativistas de movimentos culturais, artistas e frequentadoras de eventos artísticos que acontecem nas periferias está mobilizando uma campanha nas redes sociais para denunciar práticas machistas que acontecem nesses ambientes, incluindo assédios verbais e físicos.

Com a hashtag #não(poetize)machismo, essas mulheres começaram a denunciar casos em que elas próprias foram vítimas, e também passaram a criticar os tipos frequentes de situações misóginas e machistas que presenciam. Uma Página no Facebook, administrada por oito mulheres, foi criada para reunir e expor estes relatos. E o grupo pretende realizar mais ações.

Moradora do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, Camila Costa, 24 anos, uma das articuladoras do Sarau Antene-se, é uma das integrantes do grupo e deu uma entrevista para o Nós, mulheres da periferia sobre a campanha:

NÓS: QUE FATO MOBILIZOU O INÍCIO DA CAMPANHA?

CAMILA: Na última edição do saraú que realizamos, um poeta conhecido passou a mão na minha bunda. Algumas semanas depois, o caso veio à tona. A partir da exposição desse fato, outros casos de assédio envolvendo o mesmo poeta foram relatados. Então foi criado um grupo para que pudéssemos discutir e, caso nos sentíssemos à vontade, relatar as situações de assédio e machismo que enfrentamos nos espaços culturais que circulamos, situações essas em que somos vítimas dos nossos colegas, parceiros, companheiros de luta, pessoas que fazem parte da nossa realidade.

A CAMPANHA ACONTEceu DE FORMA ORGANIZADA OU ESPONTÂNEA?

Tudo começou de maneira muito espontânea e fomos nos organizando conforme foram surgindo as ideias. Criamos a #não(poetize)machismo e começamos a expor as diversas situações que vivemos e com os caras que frequentam esses espaços. Nos fotografamos com a hashtag, começamos a fazer barulho na rede para mostrar que não estamos mais dispostas a nos silenciarmos diante dessas situações. Criamos a page no Facebook e houve uma adesão muito grande de mulheres ao movimento, inclusive de outros estados.

QUANTAS MULHERES ESTÃO ENVOLVIDAS DIRETAMENTE?

Somos muitas diretamente envolvidas com a campanha. Temos um grupo na internet em que trocamos ideias sobre as ações e nossas experiências todos os dias. E partir daí postamos as publicações na página.

QUE AÇÕES ESTÃO REALIZANDO? SÃO AÇÕES APENAS VIRTUAIS?

No momento estamos expondo os relatos e compartilhando nossas histórias. Essa troca de experiência tem nos fortalecido e encorajado a expor situações que vivemos e que nos causou tanta coisa ruim. Pretendemos realizar ações fora da rede, nos espaços em que atuamos, difundir nossas ideias e o nosso posicionamento por meio do que criamos: música, poesia, nos empoderar cada vez mais.

O QUE VOCÊS CONSIDERAM COMO “POETIZAR O MACHISMO”?

Poetizar o machismo é mascarar, disfarçar atos machistas (assédios/violências) através de poesias, de conversa mole com a intenção de minimizar o erro cometido, até mesmo fazer com que o erro não seja encarado como um erro.

QUAL O PROBLEMA EM SE “POETIZAR O MACHISMO”?

O problema está em se isentar de culpa, deslegitimar e ignorar a dor de quem sofre com o machismo o tempo todo. Poetizar o machismo é também perpetuar o machismo.

PRÁTICAS MACHISTAS DE HOMENS ENVOLVIDOS EM SARAU, EM ESPAÇOS CULTURAIS, SÃO MAIS OFENSIVAS PARA VOCÊ? POR QUÊ?

De certa forma sim. O agravante em ser vítimas de práticas machistas nesses espaços é que os caras que as praticam conhecem a nossa caminhada, sabem da nossa luta, e ainda assim nos agredem, nos desrespeitam e agem como se tivessem cometido esses atos inocentemente, nos cobram compreensão.

VOCÊ ACREDITA QUE ESSA CAMPANHA PODE AJUDAR A MUDAR O COMPORTAMENTO DOS HOMENS?

Eu sinceramente não sei. É possível que alguns caras repensem sua postura, assim como é provável que muitos nem se importem com a campanha, mas essa movimentação toda está muito mais ligada às manas, a nós, ao nosso não silenciamento diante das situações que enfrentamos, ao nosso empoderamento e à nossa força.

FEMINISMO ENTRE GERAÇÕES: DE PRINCESA PARA RAINHA.

**UMA REFLEXÃO SOBRE
COMO O FEMINISMO ATUAL
É ATINGIDO POR GERAÇÕES
PASSADAS E COMO ESSAS
MULHERES PRECISAM DISSE
TANTO QUANTO NÓS**


 An illustration showing four women in a circle, representing different generations. At the top left is a woman in a crown and a white dress, looking down. Next to her is a woman with dark skin and curly hair, also looking down. Below them is a woman wearing a large, dark, wide-brimmed hat, looking towards the center. In the center is a woman with long dark hair, looking upwards. The artist's signature 'Fikom/2015' is visible at the bottom right of the drawing.

Aos treze, minha avó trabalhou numa roça colhendo fumo. Ela sempre quis estudar, sempre. A mãe dela proibiu-a de estudar, pois se ela o fizesse, não teria ninguém para colocar comida dentro de casa. Sofreu abuso, enfiou-se em um relacionamento abusivo com quem teve quatro filhos. Hoje é separada e trabalha em casa de família. Nunca vai ter o direito à aposentadoria, só por idade.

Mamãe também não teve lá a mes-

ma sorte. Tinha que fazer tudo dentro de casa aos oito anos de idade. Cuidar de dois irmãos pequenos e não podia sair de casa após a escola, para que pudesse deixar tudo limpo e organizado para a minha avó, que já nessa época, trabalhava em casa de família. Engravidou com 17 anos, foi morar com meu pai. Ela jurou de pé junto que minha vida seria diferente. Essa maldição passada de mãe para filha de "mulher da nossa família só sofre" deveria acabar ali, no meu nascimento.

Apesar de sua dependência, seu esforço para conseguir um emprego e outras batalhas de uma guerreira negra maravilhosa para criar uma filha, essas foram todas conquistadas com muito ideal de individualidade que ela mesma me passou. Mamãe queria que eu fosse mulher de si. Dona do próprio nariz, da bunda, da buceta e do que fosse do meu corpo e da minha mente. Forte. Teria eu que ser tudo que ela sempre foi, mas nunca se deu conta. Mal ela sabia que isso foi super feminista da parte dela, mas ela não teve a oportunidade de saber disso há uns dezesseis anos atrás.

Cresci e conheci o feminismo. Engajando nesse movimento, meu objetivo maior era ajudar as minhas irmãs de luta. As moças da escola, as irmãs das redes sociais e as amigas mais queridas. Entretanto, há uns meses atrás, eu percebi que eu nunca tinha tido um olhar mais cauteloso com minha mãe, minha avó, minha tia ou se quer as minhas primas. Senti-me hipócrita. O tempo todo, as mulheres ao meu redor sofriam com o machismo e eu nem me dava conta.

A partir daí eu comecei a observá-las e entender porquê elas agiam de forma tão feminista, mas não sabiam que aquilo era, de fato, feminista. Por não terem os mesmos privilégios de acesso a informações, a escola ou aos movimentos sociais, ser feminista é desconhecido pela maioria das mulheres mais velhas da periferia. Ou é interpretado de outra maneira pelas informações repassadas pela grande mídia, como as questões de odiar homens e sair em protesto com os seios a mostra, o que as deixa mais acuadas para se assumirem feministas, e acaba enfraquecendo o movimento.

Embora as atitudes machistas sejam predominantes na nossa realidade, pelos ambientes que vivemos e que constroem tudo isso na nossa mente, é importante explicar para as irmãs mais velhas por qual motivo a gente luta pela liberdade da mulher. Mesmo que, para muitas dessas gerações passadas, nossa luta seja um tanto exagerada. De um jeito ou de outro, mesmo reproduzindo machismo por sua época e sua criação diferenciada, elas tiram de letra mesmo sem querer atos que coincidem com o feminismo. É por isso que é tão importante exercer um papel didático com nossas mães, avós, tias e irmãs mais velhas. A vivência dessas mulheres fortalece o movimento feminista e o empoderamento das mesmas traz novas experiências que serão colhidas nas próximas gerações que virão, por essas mulheres serem exemplos para as manas mais novas, para que elas se sintam fortes, poderosas e bem sucedidas.

Os atos a favor dessas mulheres que não são privilegiadas como nós somos valem mais do que as próprias palavras que escrevemos por aí. O ensinar da nossa geração, espalhar relatos, compreender vivências e ajudar com o que necessita. Esse é nosso papel como feministas da nova geração, ser didática com as mais novas e com as mais velhas, com quem quiser se abrir pra liberdade.

**COM ISSO, PEÇO E DESPEÇO: ESPALHEM
A PALAVRA DÁ LUTA DE EQUIDADE
ENTRE GÊNEROS PARA NOSSAS
RAINHAS E AS NOSSAS PRINCESAS.
ESSE É UM APELO A TODAS AS MULHERES,
AS DE -16, E TAMBÉM, AS DE +61.**



FORÇA FEMININA NA OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS DE SP

Dayse Oliveira

Eloiza Vieira de Oliveira tem 17 anos. Esse seria o seu último ano escolar na Escola Estadual José Lins do Rego. Seria porque Eloiza é uma das estudantes que organizou a ocupação da sua escola após a decisão da Secretaria de Educação de Reorganizar a educação do Estado de São Paulo. Embora essa unidade de ensino já funcione com apenas um ciclo (Ensino Médio), as salas, que já são superlotadas, receberiam ainda mais estudantes das unidades de ensino próximas que serão reorganizadas.

Uma dessas unidades é a Escola Estadual Professora Eulália Silva, onde Maria do Socorro Vieira de Oliveira, 42, cursa o 1º ano da Educação de Jovens e Adultos. Ela é mãe da Elô e também

organizou a ocupação da sua escola. Junto com a filha. "Eu tenho orgulho dobrado. Orgulho de estar participando e lutando por um direito meu e orgulho por ter minha filha a frente desse movimento". A Escola Eulália passará a funcionar apenas com o ciclo I (1º ao 5º ano).

A ocupação do Lins, como de outras escolas da rede estadual de São Paulo, aconteceu de forma truculenta, com presença da polícia militar e uso de violência. Um professor foi detido no dia 14 de novembro, data marcada para orientar os pais quanto à reorganização escolar e dia em que a escola foi ocupada pelos estudantes. O uso da força desproporcional mobilizou ainda mais as/os estudantes para a causa. "O Lins se tornou uma referência aqui para a região e nós acabamos ajudando outros alunos que também queria ocupar suas escolas", conta Eloiza.

Na Ocupação das escolas tem muita garota na linha de frente. Elas estão organizadas e organizando, demonstrando força e determinação para lutar por uma Educação mais próxima do que acreditam. Na Escola Estadual Antônio Manoel Alves de Lima, Izabel Cristina de Oliveira Barbosa, de 16 anos, assumiu o portão da escola no sábado, dia 28. Ela se juntou aos outros alunos logo no primeiro dia após o prédio ser ocupado e traz a intenção no discurso: "essa luta é minha e eu não vou mudar de es-

cola. Eu estou aqui por mim, pelos meus irmãos. Tem muito aluno que é contra a reorganização, mas não quer vir aqui lutar. Ficam na lógica egoísta de que não vão repor aula”, justifica.

Com a reorganização da rede estadual, a Escola Antônio Manoel perderia o Ensino Médio. As (os) alunas (os) seriam encaminhados para a Escola Inspector Raimundo Serafim de Lima (que fica a mais de 2 km do local) no período vespertino. Esses estudantes, no entanto, vinham organizadas/organizados em uma rotina de aulas pela manhã ou à noite, ocupando suas tarde com cursos livres e/ou profissionalizantes.

O apoio da comunidade tem dado ainda mais força aos protestos. Além de doar alimentos, dinheiro, emprestar eletrodomésticos, há os coletivos que estão no espaço para reforçar a luta. Ariane Abreu, de 21 anos, é uma dessas pessoas. Ela foi aluna da EE Antônio Manoel e agora é integrante do coletivo Tamo Vivo. Um dos alertas que deixa é sobre a constante presença policial no local: “Todos os dias a polícia vem aqui para ver quantas pessoas tem e, geralmente, colocam um terror psicológico na gente. Dizem que sabem que usamos drogas aqui dentro e ameaçam nos prender. Outra fita é que a polícia está gravando a cara de quem é maior de idade e depois enquadram a gente em outros pontos do bairro”, conta ela.

Uma das cenas que mais marcou esse período de luta para a aluna da EE Lins do Rego, Lidiane Porto, de 17 anos, foi a violência utilizada pelos policiais contra seus professores no dia que sua escola foi ocupada. “Além do gás de pimenta, eram seis policiais em cima da minha professora de Filosofia. E ainda teve gente falando que o nosso professor (que



“TODOS OS DIAS A POLICIA VEM AQUI PARA VER QUANTAS PESSOAS TEM E, GERALMENTE, COLOCAM UM TERROR PSICOLOGICO NA GENTE.”



foi detido) agrediu a polícia. Mentira, eu vi tudo. Ele estava tentando ajudar a professora que estava caída entre o portão”, lembra a estudante. Marcellly Neto, colega de classe de Lidiane, chorou assistindo essa cena: “Foram eles que abriram nossos olhos pro mundo, eles construíram muito do que a gente é hoje. E você ver essas pessoas sendo agredidas por defender um direito e por defender aluno?”.

Nas salas de aula, colchões, cobertores e travesseiros. No pátio, barracas, bombas para colchões de ar. Pelos corredores, mesas postas com frutas, sucos, bolachas e petiscos para segurar o intervalo entre uma refeição e outra. Cardápios variados têm convidado as (os) estudantes a experimentar uma dieta vegetariana. Elas (es) também têm experimentado muita atividade cultural. “Em três semanas de ocupação nós tivemos mais atividades culturais do que nos três anos de Ensino Médio”, explicou Elô. Teve sarau, roda sobre feminismo, bate-papo sobre protagonismo juvenil, oficina de silk, oficina de zine, visita dos movimentos sociais que estão ao redor das escolas etc. Tudo isso tem rendido muito aprendizado, além da convivência constante que tem sido uma aula de união e coletividade.

GLÓRIA MARIA, TEM 16 ANOS, TEM UMA FILHA DE 2 ANOS E ESTUDA NA ESCOLA EE ETELVINA NO PARAÍSOPOLIS. PARTICIPANTE DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÕES CONTRA A REORGANIZAÇÃO ESCOLAR. ENFRENTA A SUA VIDA DE ADOLESCENTE, MÃE SOLTEIRA O MACHISMO COTIDIANO. TEM O SONHO DE SER JORNALISTA E ESCRITORA.

TODAS MULHERES, TODAS GUERREIRAS:

O nosso cotidiano é lutar e suportar a opressão da sociedade machista e hipócrita, que finge não ver e ignora o sofrimento de tantas mulheres todos os dias, horas, minutos e segundos. Querem calar a nossa voz!

Querem que todas nós sejamos submissas aos homens e que a gente ache normal o estupro e a agressão registrados todos os dias. Mas infelizmente a maioria dos casos são rejeitados ou concluídos como: "a culpa foi do vestuário da vítima" (a vítima violentada com trauma). "apanhou porque mereceu, não obedeceu ao seu marido". "Ela não se deu o respeito".

Até aonde a nossa luta contra o machismo vai?! Quando iremos ter direitos igualados ao dos homens em salário?! Quando poderemos usar as roupas que gostamos sem ser atacadas?! Quando os homens irão ter a noção que meu corpo não é público?! Aliás quando irão nos respeitar? Eu, elas e todas nós merecemos o respeito! A sociedade necessita das mulheres. Somos mais que guerreiras, somos vencedoras por suportar e lutar contra tanto machismo em todos os segundos de nossas vidas.



estamos de olho

SALVE SALVE MANAS

RESENHA RACIONAIS MCS 1994 PARTE II

FORMIGA kem ta falando novamente. É u seguinte, vou dar kontinuidade a resenha da koletânia Racionais MCs de 1994, kom uma ideia feminista, na mesma intenção de denunciar o pensamento e as práticas sexista na kultura de rua. Akinta faixa é Juri Racional ke é um julgamento de negros sobre a fidelidade etnica de um outro negro. **"AS VAGABUNDAS KE VOCÊ A VIDA TODA ELOGIARA SE DIVERTEM HOJE E RIEM DA SUA KARA AKELAS VAKAS USUFRUIRAM, USARAM DO POUKO KE VOCÊ TINHA ATÉ A ULTIMA GOTA, NO ENTANTO NÃO HÁ OUTRA E AGORA VOCÊ FOI DESPREZADO JOGADO FORA VOCÊ NÃO PRECISA DELAS SE EXISTE NEGRAS TÃO BELAS SE PODE TER AS MELHORES POR KE FIKAR KOM AS PIORES BURGUESAS KADELAS"** Nesse trecho ai fala de um ódio de klashe social ke é legítima defesa, mas kuando fala de misoginia só mantém o patriarkado de pé, animaliza mulheres rikas para inferiorizar elas. Ele fala também do amor heterossexual afrocentrado e pá só ke ainda vê a mulher negra komo posse, a mulher preta já foi tratada komo objeto em nossa sociedade kolonial e justamente na sua komunidade preta de resistência antirracista ainda tem ke

ser propriedade de homem preto, então mesmo tendo uma solidariedade e auto fortalecimento de klashe racial kom o amor afrocentrado o homem negro ainda vê a mulher negra komo seu objeto. Faixa seis é a Fio da Navalha ke é praticamente uma instrumental na kual eles faz fala de reverêncie a mûsika negra. A faixa sete é u som ke me fez virar fã do Racionais é a Voz Ativa ke fala da kestão do negro no Brasil e incentiva a konstruçao da negritude. No ke toká a kestão da mulher preta ele kanta o seguinte: **"(...) MULHERES ASSUMEM SUA EXPLORAÇÃO USANDO O TERMO MULATA KOMO PROFISSÃO"** kuando o kara fala o termo mulata komo profissão ele reconhece ke mulata é um termo zuado ke objetifika sexulmente e animaliza a mulher negra mas diz ke ela opta pela prostituição, vê a prostituição komo eskolha da mulher negra e ai kulpabiliza a vítima e não faz análise da prostituição komo uma exploração sexual sobre mulheres negras . A faixa oito é uma das ke eu mais kurto porke fala da importância do negro ter konsciência étnika e é chamada Negro Limitado. Tem uma parte ke é assim **"...) VOCÊ MESMO KER FALAR SOBRE MULHER SEU PRINCIPAL PASSATEMPO O DON JUAN DAS VAGABUNDA EU LAMENTO"** essa só acho ke é machista porke vê mulher komo objeto sexual e não problematiza a prostituição komo um mekanismo de exploração do homem sobre as mulheres, exploração essa ke se da pela esmagadura maioria dos clientes ser homem e o kafetão normalmente ser homem então a mulher em situação de prostituição esta servindo os homens sexualmente e financeiramente. Mana a hierarkia sexual é a primeira e a ke deu origem as outras. Investigar a origem da opressão kontra a mulher é u primeiro passo pra propor kortar u mal pela raiz morô? Pra não mais abaixar a kabéça pra esse sistema du falo poder, a konsciêncie das mana e o não é o princípio da revolta. Enkuanto mulher for uma koisa do homem no kasamento ou na prostituição, enkuanto mulher é tirada igual um bixo é tirado, o patrakado vai ta de pé, e as guerreira da ponte pra ká vai ta batendo di frente kom essa opressão. Na próxima edição vou ta konklundo essa ideia. **VALEU!**

